

A INFLUÊNCIA DA AUTOEFICÁCIA NA CONCRETIZAÇÃO DE OBJETIVOS OPERACIONAIS NO CFOAV

THE INFLUENCE OF SELF-EFFICACY ON ACHIEVING OPERATIONAL OBJECTIVES IN CFOAV

Matheus dos Santos da Silva¹
Eduardo Cormanich²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e compreender a influência da autoeficácia como artifício psicológico para a concretização de metas nos contextos operacionais do Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV), explorando como essa crença na capacidade própria pode ser cultivada e utilizada para aprimorar o desempenho no voo primário no CFOAV. Para o embasamento teórico, foram utilizadas fontes como livros e artigos ligados à área da psicologia humanista. A abordagem metodológica adotada neste trabalho está baseada em pesquisa bibliográfica, complementada por análises qualitativas que envolvem a leitura e comparação de uma variedade selecionada de artigos, livros, dissertações, teses, revistas e documentos relevantes. Essa revisão bibliográfica busca fornecer uma base sólida para fundamentar a pesquisa, coletando indicadores que permitam compreender o quanto acreditar ou não em si é capaz de influenciar resultados futuros.

Palavras-chave: Autoeficácia³; Ancoragem psicológica; Operacional⁴.

¹ Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma *Ártemis*, 2025).

² 2º Tem QOCon MPS, Graduado em Psicologia pela UFMG, Licenciado em Filosofia pela UFSJ, Mestre em Psicologia pela UFJF. Email: cormanich@gmail.com

³ Autoeficácia: Crença na própria capacidade de realizar ações para atingir metas específicas.

⁴ Ancoragem Psicológica: Tendência de decisões futuras influenciadas por experiências passadas.

ABSTRACT

The present research aims to investigate and understand the influence of self-efficacy as a psychological device for achieving goals in the operational contexts of the Aviation Officer Training Course (CFOAV), exploring how this belief in one's own ability can be cultivated and used to improve performance in activities: primary flight in CFOAV. For the theoretical basis, sources such as books and articles linked to the area of humanistic psychology were used. The methodological approach adopted in this work is based on bibliographical research, complemented by qualitative analyzes that involve the reading and comparison of a selected variety of articles, books, dissertations, theses, magazines and relevant documents. This bibliographical review seeks to provide a solid basis to support the research, collecting indicators that allow us to understand how much belief or not in oneself is capable of influencing future results.

Keywords: Self-efficacy; Psychological anchoring; Operational.

INTRODUÇÃO

Em 6 de maio de 1954, o mundo presenciava um dos maiores marcos do atletismo para a época: a quebra da mítica “barreira de 1 milha em 4 minutos”. Roger Bannister, um jovem estudante de medicina britânica, correu uma milha em um tempo de 3:59.04, algo que, até então, era considerado impossível. Apesar da crença coletiva da época de que a marca era inalcançável, Bannister revelou a importância do poder da crença nas próprias capacidades e como o estado psicológico é decisivo na conquista de metas desafiadoras (BASCONB, Neal, 2005). Contudo, curiosamente, pouco tempo após o ocorrido, a conquista de Roger passou a ser corriqueira no meio atlético, sendo replicada e superada por diversas vezes, mostrando cada vez mais que a crença da sociedade não passava disso: uma crença. A heurística cognitiva⁵ usada pelos indivíduos que, posteriormente realizaram a mesma façanha que o recordista citado, foi a **ancoragem psicológica**. No livro Rápido e Devagar, Kahneman define a ancoragem como “o efeito que ocorre quando as pessoas consideram um valor específico dado antes de fazer uma estimativa, e suas respostas se aproximam do número fornecido inicialmente” (Kahneman, 2012, p. 157). É factível,

⁵ **Heurísticas cognitivas** são atalhos mentais que o cérebro usa para tomar decisões e resolver problemas de maneira rápida e eficiente.

portanto, pensar que, no caso dos atletas que superaram Bannister posteriormente, adotaram-no como uma âncora psicológica para sustentar a ideia de que a ação era realizável.

O presente estudo, tendo como objeto a **autoeficácia** como fator psicológico primordial no cumprimento de objetivos operacionais dos **cadetes aviadores**, buscará colher dados empíricos acerca do quanto/como as experiências já vivenciadas em outros contextos da formação têm potencial para serem âncoras psicológicas positivas ou negativas e o quanto são capazes de influenciar a autoeficácia na realização de atividades operacionais.

A realização desta pesquisa se justifica pela observação empírica de quanto os fatores psicológicos têm potencial para interferir positiva ou negativamente na concretização eficiente de metas. Sendo assim, partindo da premissa que o bom desempenho em atividades operacionais por parte dos cadetes é de pleno interesse da Força Aérea Brasileira (FAB), este trabalho ganha sua razão de existência.

Os conhecimentos adquiridos baseados nos resultados que serão obtidos residem sua relevância no ato de levar não só os militares, mas a sociedade à melhor compreensão da maneira como a crença na capacidade própria se desenvolve e de que maneira ela impacta a concretização de metas de modo a compreender não apenas o comportamento individual, mas também as dinâmicas de grupo sob condições de alta demanda.

Este estudo propõe, em primeiro lugar, revisar criticamente a literatura sobre ancoragem psicológica e autoeficácia, examinando de que modo esses construtos se vinculam à concretização de metas no âmbito operacional da Academia da Força Aérea (AFA). Paralelamente, será conduzido um estudo de campo quantitativo: aplicar-se-á um questionário Likert validado para mensurar os níveis de autoeficácia dos cadetes em diferentes fases do voo e setores da AFA; em seguida, os dados serão analisados por meio de estatística e correlação entre as perguntas, a fim de verificar como a autoeficácia prediz a concretização de metas operacionais nos distintos contextos avaliados. Os achados obtidos serão comparados com a produção acadêmica pré-existente, a fim de confirmar ou refinar teorias já estabelecidas. Por fim, o trabalho buscará identificar estratégias eficazes para fomentar a autoeficácia em ambientes caracterizados por alta pressão, como o meio militar, oferecendo recomendações práticas que possam fortalecer o desempenho e a resiliência dos profissionais da AFA.

A partir das referidas ponderações, este estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: **Como a autoconfiança na própria capacidade de atingir metas influencia a concretização de objetivos no CFOAV?**

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreender a influência da autoeficácia na concretização bons resultados operacionais no CFOAV, nas instruções de voo primária⁶ e básica⁷, e analisar o quanto o aspecto psicológico influencia a qualidade da pilotagem e a condução e gerenciamento de múltiplas tarefas durante o voo, é essencial, em primeiro lugar, explorar os conceitos e definições do aspecto psicológico. Isso permitirá estabelecer uma base sólida para, futuramente, analisar os dados coletados.

1.1 Autoeficácia: conceito e importância

O conceito de autoeficácia, segundo Bandura (1977), refere-se à crença do indivíduo em sua própria capacidade de organizar e executar ações para alcançar objetivos específicos. Essa crença, como afirma o autor, exerce forte influência sobre o comportamento humano, afetando pensamentos, emoções e ações. Ele identifica quatro fontes de autoeficácia: experiências de sucesso, observação de modelos, persuasão social e estados emocionais.

Bandura (1986) defende que o ser humano não é um simples produto do meio em que vive; pelo contrário, atua de forma ativa e exerce influência sobre os diversos processos da vida, incluindo o trabalho. Segundo ele, as pessoas aprendem e acumulam experiência ao observar os resultados de ações no ambiente e ao considerar as vivências daqueles que as cercam, reconhecendo que pensamentos, crenças e expectativas integram a rotina diária. Em certas circunstâncias, as respostas comuns a situações adversas podem refletir traços culturais amplos; em outras, revelam-se particulares, surgindo de experiências pessoais singulares.

A partir da década de 1970, a noção de autoeficácia foi incorporada à abordagem sociocognitiva de Bandura (1997). Ela corresponde à confiança que o indivíduo deposita na própria capacidade de planejar e executar comportamentos necessários para atingir os resultados almejados. Em essência, refere-se ao julgamento que cada pessoa faz sobre sua aptidão para realizar determinada tarefa. Bandura (1997) sustenta que existe um sistema interno de crenças — a autoeficácia — que leva o sujeito a sentir que detém controle sobre ações, condutas e pensamentos; esse sistema é crucial para o alcance de metas e a execução bem-sucedida das atividades propostas.

⁶ Instruções de voo primário são ministradas no 2º ano do CFOAV na aeronave T-25 UNIVERSAL. ⁷ Instruções de voo básico são ministradas no 4º ano do CFOAV na aeronave T-27M TUCANO.

No contexto do CFOAV, em que o desempenho individual pode impactar diretamente o resultado das missões, a autoeficácia desempenha papel decisivo. Conforme Bandura (1997), pessoas com maior crença em sua eficácia são mais propensas a persistir diante de desafios, recuperando-se mais rapidamente de fracassos.

Além de funcionar como gatilho inicial do comportamento, a autoeficácia atua como “termostato motivacional” que regula a intensidade e a duração do esforço despendido. Quando os indivíduos acreditam na própria capacidade, eles não apenas definem metas mais desafiadoras, mas também monitoram o desempenho com maior acurácia, ajustando estratégias sempre que indicadores de progresso se afastam do objetivo (BANDURA, 1997). Maddux (2002) destaca que esse monitoramento autorregulatório reduz a lacuna entre intenção e ação, um ponto crucial em tarefas de alto risco, nas quais erros mínimos podem comprometer a missão. Em outras palavras, a autoeficácia sustenta um ciclo virtuoso: crença, definição de meta elevada, feedback interno frequente e persistência adaptativa, ampliando a probabilidade de sucesso mesmo frente a variáveis incontroláveis, como condições meteorológicas adversas, instrutor escalado ou nível de fadiga.

No contexto da Psicologia Positiva, estudiosos como Luthans e Youssef (2007) demonstram que a autoeficácia integra o constructo de *capital psicológico*, junto com otimismo, esperança e resiliência, compondo um conjunto de recursos que favorecem o florescimento humano (*flourishing*). Quando combinada à resiliência; medida, por exemplo, pela CD-RISC (CONNOR; DAVIDSON, 2003), a crença de eficácia amplifica a capacidade de recuperação pós-falha, transformando experiências negativas em aprendizado operacional. Esse efeito é particularmente útil em ambientes como os Esquadrões de Instrução Aérea, pois os cadetes que internalizam um “roteiro de competência” tendem a reinterpretar erros cometidos como feedback corretivo, e não como prova de incapacidade. Consequentemente, a autoeficácia impulsiona não só o ingresso na ação, mas também a reinserção nela após trópicos, garantindo continuidade do treino até que as metas sejam efetivamente concretizadas.

1.2 A Ancoragem Psicológica e a Autoeficácia

No campo da psicologia cognitiva, Tversky e Kahneman (1974) introduzem o conceito de ancoragem como parte de suas pesquisas sobre heurísticas e visões. Os autores mostram que, ao fazer estimativas numéricas, as pessoas tendem a se ancorar em valores iniciais fornecidos, mesmo que irrelevantes. Essa ancoragem atua como um ponto de referência, influenciando significativamente o

juízo subsequente. Eles concluem que a ancoragem pode distorcer a percepção, levando a ajustes inadequados na direção a respostas mais precisas.

Chapman e Johnson (1994) aprofundam o estudo de Tversky e Kahneman ao investigar os limites de ancoragem. Eles argumentam que, embora robusta, a ancoragem pode ser mitigada em situações em que o indivíduo tenha acesso a informações mais desenvolvidas ou conhecimento especializado. O estudo sugere que pessoas com maior experiência na área em que a ancoragem ocorre são menos influenciadas por valores iniciais irrelevantes, mas o viés permanece forte para a maioria das pessoas em contextos cotidianos.

Seguindo essa linha de pesquisa, Epley e Gilovich (2001) expandem o conceito de ancoragem e ajuste, indicando que o ajuste realizado, a partir da âncora inicial, tende a ser insuficiente. Os autores demonstram que, embora as pessoas tentem ajustar seus julgamentos a partir de uma âncora, o processo de ajuste relatadamente chega a um valor justo, permanecendo na tendência de se direcionar à âncora inicial. Esse aspecto é observado tanto em decisões econômicas quanto em avaliações pessoais.

Mussweiler e Strack (2000) discutem a influência do conhecimento prévio sobre o processo de ancoragem. Eles mostram que indivíduos com maior familiaridade com o tema são capazes de ajustar seus julgamentos de maneira mais precisa, enquanto aqueles com menos conhecimento tendem a depender mais da âncora inicial. A pesquisa destaca que a acessibilidade cognitiva de informações relacionadas ao tema é um fator crucial para moderar os efeitos da ancoragem.

Por outro lado, Furnham e Boo (2011) oferecem uma revisão crítica sobre o efeito da ancoragem em diferentes contextos culturais. Eles argumentaram que, embora a ancoragem seja de interesse universal, o grau de influência pode variar entre culturas. Culturas com maior foco na coletividade, por exemplo, podem exibir um efeito de ancoragem mais forte em questões que envolvem julgamentos grupais, enquanto culturas individualistas podem demonstrar uma maior capacidade de ajuste pessoal.

1.3 O feedback e a Autoeficácia

Barry J. Schunk é um dos principais nomes na área da psicologia educacional, com destaque para seus estudos sobre motivação, autoeficácia, aprendizagem autorregulada e o papel do *feedback* no processo de ensino-aprendizagem. No contexto educacional, Schunk (1991) explora como a autoeficácia influencia a motivação e o desempenho acadêmico. Para o autor, a autoeficácia tem um papel central na aprendizagem, pois motiva os estudantes a persistirem em tarefas difíceis e a superarem as dificuldades. Ele destaca que experiências de sucesso e *feedback* positivo são fatores

críticos para o desenvolvimento de uma autoeficácia elevada, promovendo um ciclo contínuo de motivação e crescimento acadêmico. Conduto, o cadete aviador, na posição de aluno em instrução de voo básico ou primário, nem sempre contará com um *feedback* positivo ao final. Surge dessa forma, a necessidade de se ancorar psicologicamente a um fato ou acontecimento anterior que evidencie a sua capacidade de superação em um próximo cenário de instrução. Uma das contribuições centrais de Schunk é a compreensão de que o feedback eficaz é uma das mais poderosas fontes de autoeficácia. Segundo ele, o feedback deve ser imediato, específico e focado na estratégia adotada pelo aluno, e não apenas no resultado final. O feedback que atribui o sucesso ao esforço pessoal e à aplicação de boas estratégias ajuda a fortalecer a crença de que o desempenho pode ser controlado e melhorado com prática e dedicação. Estudos experimentais conduzidos por Schunk demonstraram que esse tipo de feedback gera maior ganho de autoeficácia do que elogios genéricos, que apenas destacam a inteligência ou o talento do aluno.

Outra área importante abordada por Schunk é a influência da modelagem no desenvolvimento da autoeficácia. Ele enfatiza que a observação de modelos — professores, colegas ou personagens — é especialmente eficaz quando o aprendiz se identifica com o modelo e quando a tarefa é executada com sucesso. A modelagem torna-se ainda mais poderosa quando o modelo verbaliza seus pensamentos e estratégias, ajudando o observador a compreender o processo e não apenas o resultado. Essa técnica é amplamente usada em ambientes educacionais para demonstrar resolução de problemas, pensamento crítico e gerenciamento de tempo.

Schunk (1991) também destaca a importância da aprendizagem autorregulada, um processo no qual o estudante define metas, monitora seu progresso, ajusta estratégias e avalia seu desempenho. A autoeficácia é o combustível desse processo: quanto mais o aluno acredita que é capaz de aprender, mais ativamente ele se engaja na regulação de sua aprendizagem. Schunk (1991) defende que estratégias de ensino devem incentivar o estabelecimento de metas específicas, a reflexão sobre o progresso e o uso consciente de técnicas de aprendizagem, como resumos, mapas mentais e auto verbalização.

Além disso, ele propõe que a verbalização positiva (*self-talk*), ou seja, o uso de autoinstruções e afirmações motivacionais durante a execução de tarefas, pode reforçar a percepção de controle e competência, ajudando a manter o foco e a autoconfiança em situações de alta exigência.

Dessa forma, o conceito de autoeficácia se mostra central para a compreensão do comportamento humano em diferentes contextos, especialmente em situações de alta pressão e demanda, como nos ambientes militares. A teoria e os estudos empíricos apresentados demonstram

que a crença nas próprias habilidades não apenas influencia a definição de metas, mas também a motivação, a resiliência e a capacidade de liderança.

2 METODOLOGIA

Em termos metodológicos, esta pesquisa utilizou, até o presente momento, uma abordagem baseada em pesquisa bibliográfica a partir de uma análise qualitativa. Foi elaborada com base na leitura e comparação de uma variedade selecionada de livros, artigos, revistas, teses e dissertações relevantes, com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho (Gil, 2017).

Uma vez conferida a revisão bibliográfica, foram coletados dados a partir de um questionário eletrônico fechado, contendo perguntas acerca de expectativas antes da respectiva atividade, aspectos psicológicos que permitam tomar conhecimento das ancoragens psicológicas utilizadas e do quanto a pessoa usa a autoeficácia ao seu favor e se o cadete teve seu objetivo alcançado com a eficiência esperada. No formulário, será utilizada a **Escala Likert** como ferramenta de coleta de dados. O público sujeito de pesquisa foi o de cadetes aviadores da Turma Uiraçu, que atualmente cursam a instrução de voo primário no 2º Esquadrão de Instrução Aérea (EIA) e os da Turma Ártemis, que cursam atualmente a instrução de voo básico no 1º EIA. Ambos os esquadrões se encontram inseridos no contexto exato que este trabalho tem como objeto de estudo. Dentro desses dois segmentos, houve uma subdivisão entre os 10 mais bem classificados e os 10 menos bem classificados nas turmas, totalizando assim um total de 40 pessoas que tiveram o formulário encaminhado para preenchimento voluntário. Apesar disso, foram obtidas um total de 29 respostas. Com essa subdivisão prévia, é esperado empiricamente que as ancoragens psicológicas se dividam em dois grupos: ancoragens positivas e ancoragens negativas, tendo em vista que a média global contabiliza desempenhos em testes físicos, avaliações verticais e horizontais e avaliações acadêmicas. Fato esse que pode interferir diretamente nos perfis de ancoragem e, conseqüentemente, em como o indivíduo desempenha a autoeficácia em atividades operacionais. A escolha destes públicos se justifica pela extrema ligação das atividades operacionais com atributos psicológicos. Além disso, tais responsabilidades operacionais continuarão sendo exercidas pelos oficiais provenientes da AFA mesmo após a formação, fazendo com que os dados coletados nesse estudo não se limitem somente à análise de aspectos atitudinais presentes no curso de formação, mas possam ser referenciados em estudos fora do âmbito AFA.

Com a coleta de dados realizada, serão examinadas a seguir as respostas de cada indivíduo utilizando a frequência simples de ocorrência como método de análise, levando em consideração: o

histórico de experiências positivas ou negativas em que se ancoram; se o entrevistado se ancorou ou não psicologicamente ao seu histórico; se o entrevistado se ancorou ou não ao histórico de experiências do grupo a que julga pertencer; e, posteriormente, se o indivíduo conseguiu usar a autoeficácia para contrariar ou potencializar sua ancoragem psicológica nas respectivas atividades de cada curso.

A minuciosa análise das informações geradas possibilitará uma compreensão mais abrangente e enriquecedora do tema proposto, com o intuito de responder à pergunta de pesquisa.

3 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para tornar a interpretação dos dados mais clara e intuitiva, optou-se por apresentar os resultados por meio de gráficos de distribuição de frequências. Esses recursos visuais permitem identificar, de imediato, padrões de resposta, proporções entre categorias e tendências centrais. Além disso, os gráficos facilitam a comparação entre variáveis-chave como autoeficácia, ancoragem e desempenho operacional ao destacar diferenças relativas entre grupos e revelar a dispersão dos escores dentro da amostra. Assim, cada figura que se segue é acompanhada de uma breve análise descritiva, apontando os principais achados e sua pertinência para os objetivos específicos do estudo.

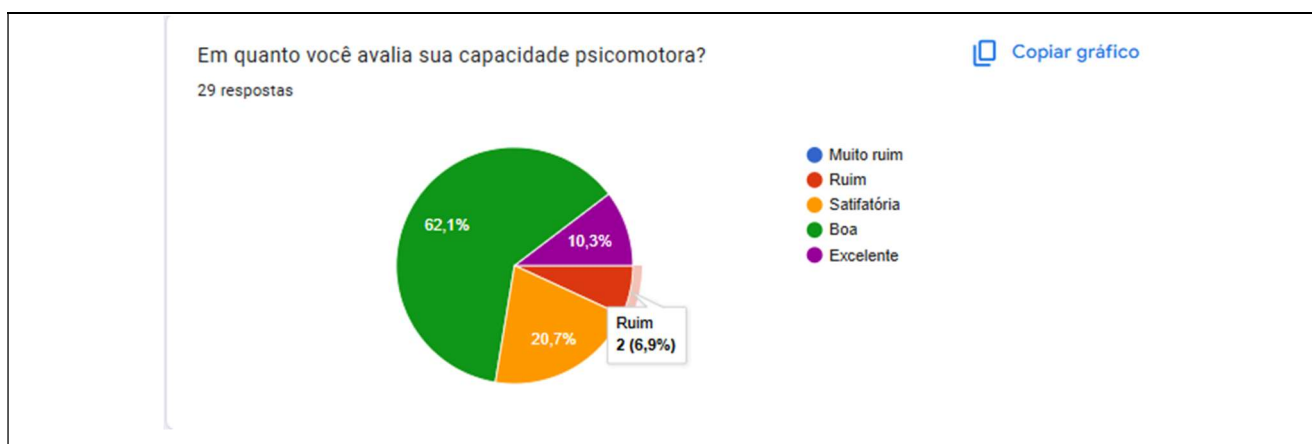


Gráfico 1 Autojulgamento de capacidade psicomotora

Fonte: elaboração própria

A distribuição das respostas indica um **alto nível de autopercepção de competência motora entre os cadetes**: 62,1 % classificam-se como “boa” e 10,3 % como “excelente”, resultando em média ponderada de 3,76 (Desvio padrão = 0,73) numa escala de 1 a 5. Esse padrão sugere que, no domínio psicomotor, a maioria apresenta **autoeficácia elevada**, condição que tende a favorecer a aceitação de metas mais exigentes como ajuste fino de parâmetros de voo sem depender de estimulação verbal do instrutor.

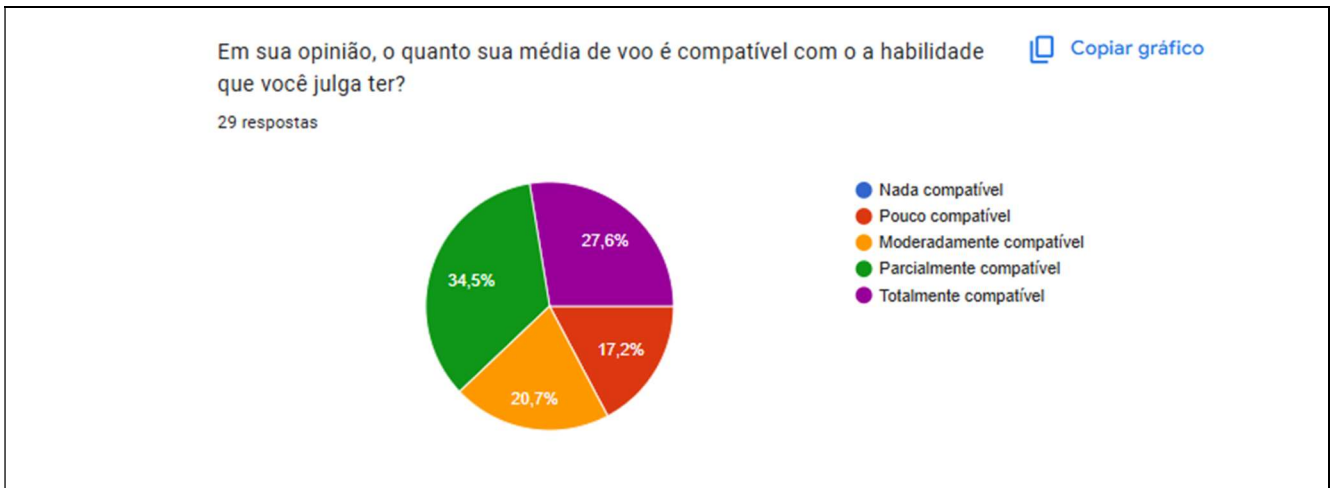


Gráfico 2 Compatibilidade com da habilidades com os graus

Fonte: elaboração própria

Quanto à percepção de justiça avaliativa, 62,1 % dos cadetes consideram que a própria média de voo é “parcialmente” ou “totalmente” compatível com o autojulgamento acerca da habilidade, enquanto 17,2 % a julgam “pouco compatível”. A média obtida (3,72; DP = 1,07) revela que, para a maioria, há coerência entre desempenho e nota, o que reforça que a crença na capacidade, por consequência, define o alcance de metas mais ambiciosas. Por outro lado, uma minoria considera sua avaliação incompatível com o que sua autopercepção faz parecer.

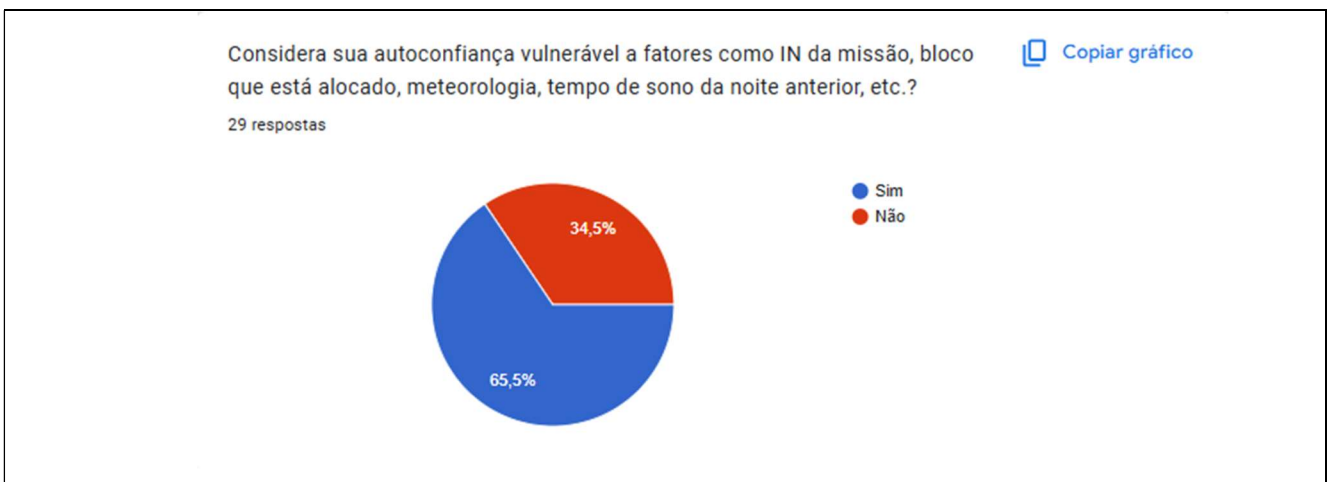


Gráfico 3 Vulnerável a fatores situacionais

Fonte: elaboração própria

Os dados mostram que 65,5 % dos cadetes admitem flutuação da autoconfiança diante de variáveis situacionais (horário de missão, meteorologia, sono, etc.), ao passo que 34,5 % se veem psicologicamente estáveis. Isso indica que a autoeficácia operacional não é constante mediante apenas a âncoras baseadas em desempenhos passados: dois terços reconhecem sensibilidade a contextos de

alta demanda, destacando a importância de estratégias de preparação (briefings, gestão do sono, controle de estresse) para manter níveis consistentes de confiança e, portanto, assegurar a concretização de metas em condições adversas.

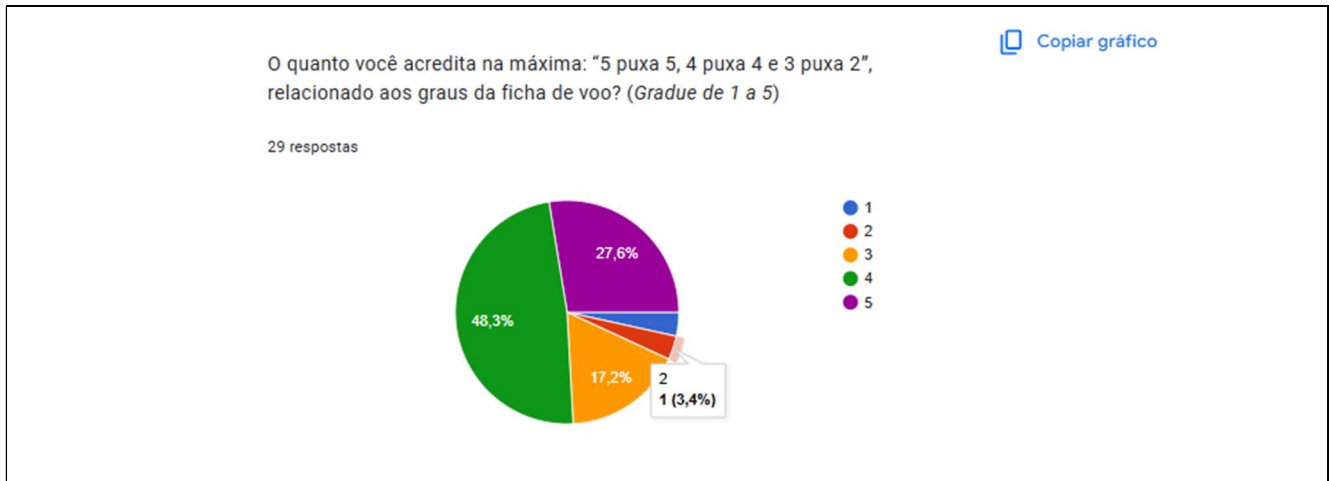


Gráfico 4 Influência da crença

Fonte: elaboração própria

A maioria dos cadetes acredita fortemente na lógica de que “notas altas atraem notas altas” e “notas baixas atraem notas baixas”: 75,9 % atribuem grau 4 ou 5 à validade da máxima operacional, enquanto apenas 6,8 % manifestam descrença (graus 1 ou 2). A média de 3,93 (Desvio padrão = 0,95) revela convicção elevada de que o desempenho recente exerce efeito ancoragem sobre avaliações subsequentes. Esse resultado reforça a hipótese de que âncoras positivas, como alcançar um “5” logo nos primeiros voos, alimentam a autoeficácia e elevam a ambição de metas futuras, ao passo que notas medianas tenderiam a perpetuar ciclos de desempenho mais baixo. A crença generalizada nesse mecanismo justifica investigar, nas correlações subsequentes, se cadetes que obtiveram notas superiores no início do curso relatam níveis mais altos de autoeficácia e metas operacionais mais desafiadoras em fases avançadas de instrução.

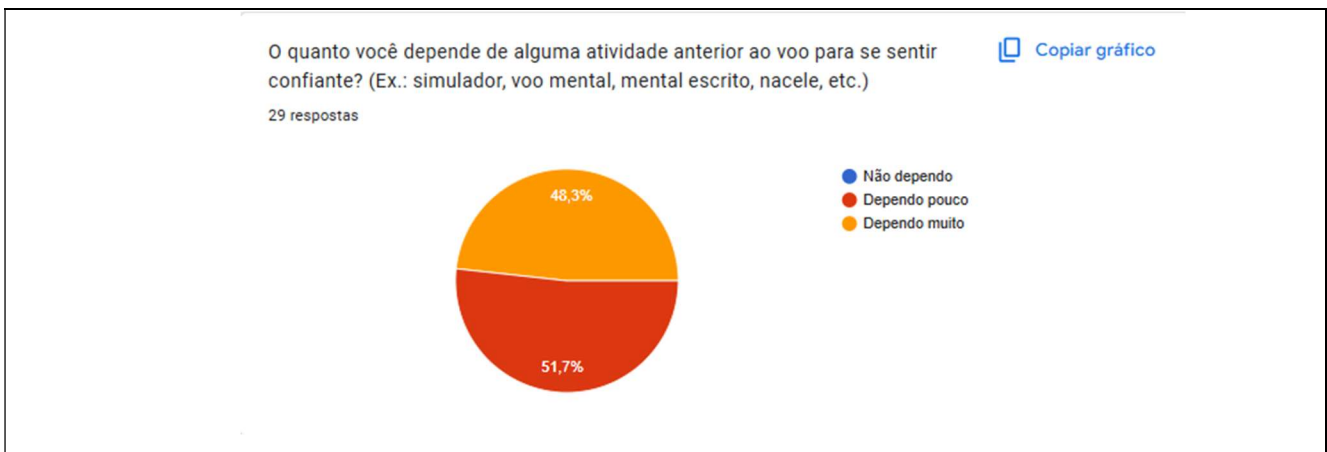


Gráfico 5 Dependência de atividades pré-voo

Fonte: elaboração própria

Todos os cadetes declararam necessitar, em algum grau, de rotinas preparatórias (simulador, voo mental, mental escrito, nacele) para reforçar a confiança pré-voo: 51,7 % “dependem pouco” e 48,3 % “dependem muito”. A média de 2,48 (Desvio padrão = 0,50) posiciona o grupo entre dependência moderada e alta, indicando que a autoeficácia operacional é fortemente influenciada por práticas de treinamento e familiarização. Isso sugere que experiências dominadas imediatamente anteriores ao voo, consistentes com a fonte “experiência de domínio” de crença de capacidade, funcionam como catalisador de confiança; implica, ainda, que a disponibilidade de simuladores e outros recursos de preparo pode ser decisiva para manter níveis elevados de autoeficácia, impactando diretamente a definição de metas e o desempenho real nas missões subsequentes.

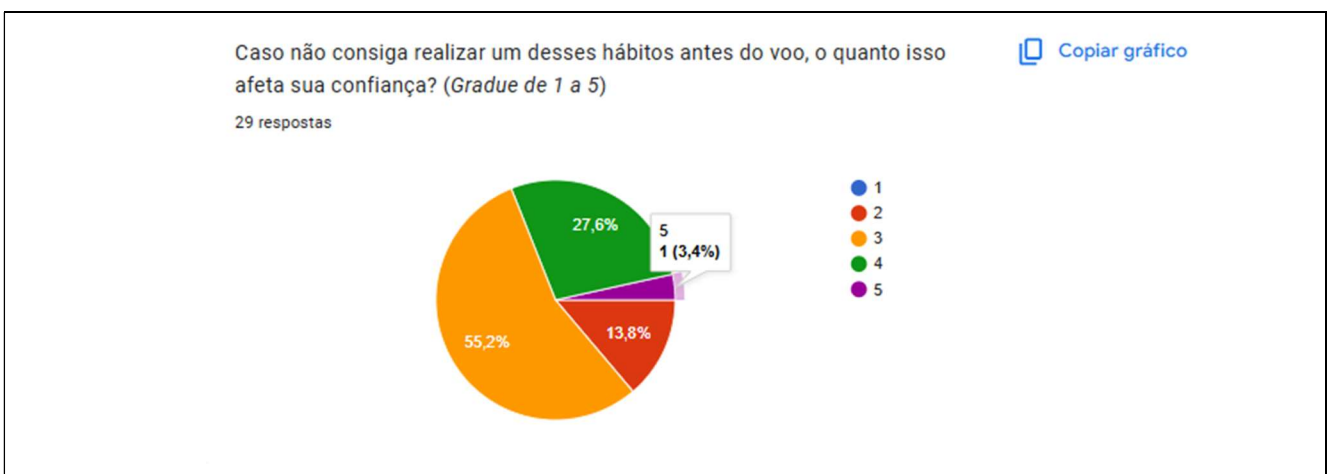


Gráfico 6 Queda de confiança se não fizer

Fonte: elaboração própria

Quando privados das atividades que normalmente realizam antes do voo (simulador, voo mental, nacele, etc.), os cadetes relatam impacto moderado na autoconfiança: a pontuação média foi 3,21 em uma escala de 1 a 5, com 55,2 % situando-se no grau 3 e 27,6 % no grau 4. Apenas 3,4 %

indicaram perda de confiança máxima, e ninguém declarou ausência total de efeito (grau 1). Esses dados sugerem que, embora as atividades preparatórias sejam importantes, corroborando o papel das experiências de domínio imediatas na formação da autoeficácia, a maioria dos cadetes consegue manter um nível de confiança razoável mesmo quando tais rotinas não são plenamente cumpridas. Isso reforça a necessidade de garantir condições logísticas que facilitem as práticas de preparação, mas também aponta para a conveniência de desenvolver estratégias alternativas (por exemplo, técnicas breves de visualização) para mitigar quedas de autoeficácia quando imprevistos impedem o preparo ideal.

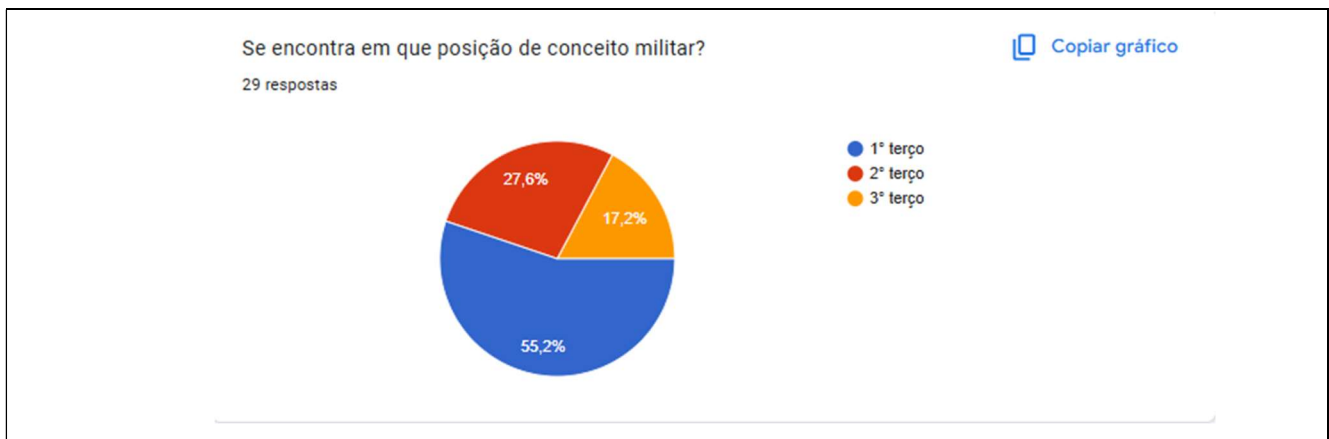


Gráfico 7 Nota de conceito militar

Fonte: elaboração própria

Mais da metade dos cadetes (55,2 %) situa-se no 1.º terço de conceito militar, indicador que sintetiza disciplina, dedicação e demais aspectos atitudinais avaliados. Os demais distribuem-se entre o 2.º (27,6 %) e o 3.º terço (17,2 %), resultando numa média ordinal de 1,62 (Desvio padrão $\approx 0,74$). Esse perfil sugere que a amostra tem predomínio de cadetes com avaliação atitudinal positiva, o que pode repercutir na autopercepção de competência geral e na disposição para assumir metas operacionais mais ambiciosas.

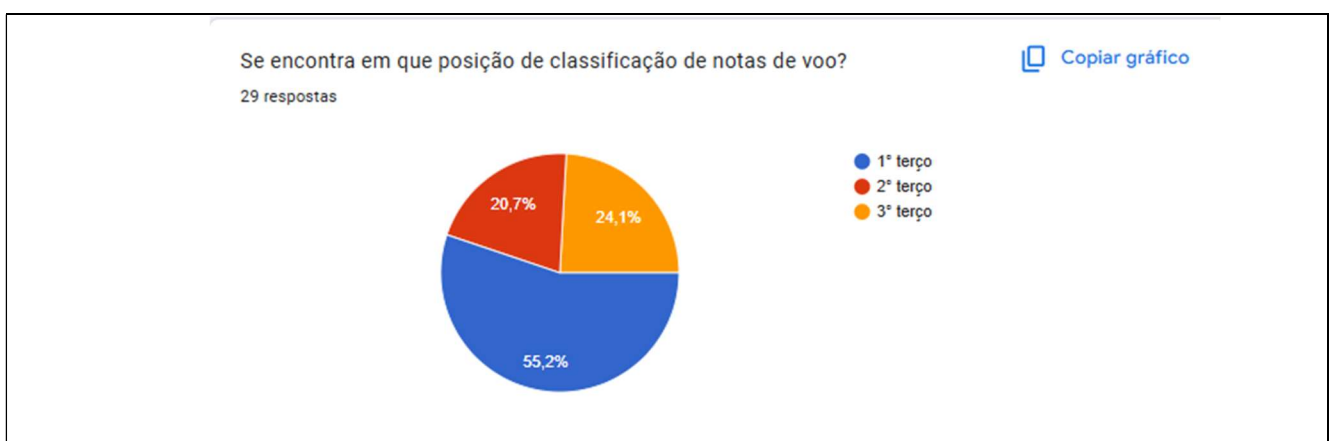


Gráfico 8 Nota de voo

Fonte: elaboração própria

Os dados revelam um predomínio de cadetes no 1.º terço de notas de voo (55,2 %), ao passo que 20,7 % ocupam o 2.º terço e 24,1 % o 3.º terço, resultando em média ordinal de 1,69 (Desvio padrão \approx 0,83). Esse perfil indica que, tal como no conceito militar, a amostra congrega majoritariamente cadetes com desempenho de voo acima da média. Tal distribuição reforça a hipótese de que experiências dominadas, representadas por notas elevadas nos cheques de voo, alimentam níveis superiores de autoeficácia, favorecendo a adoção de metas operacionais mais desafiadoras. Nas análises correlacionais subseqüentes, vale investigar se a posição na classificação de voo modera a relação entre autoeficácia, ancoragem positiva e concretização de objetivos em missões complexas.

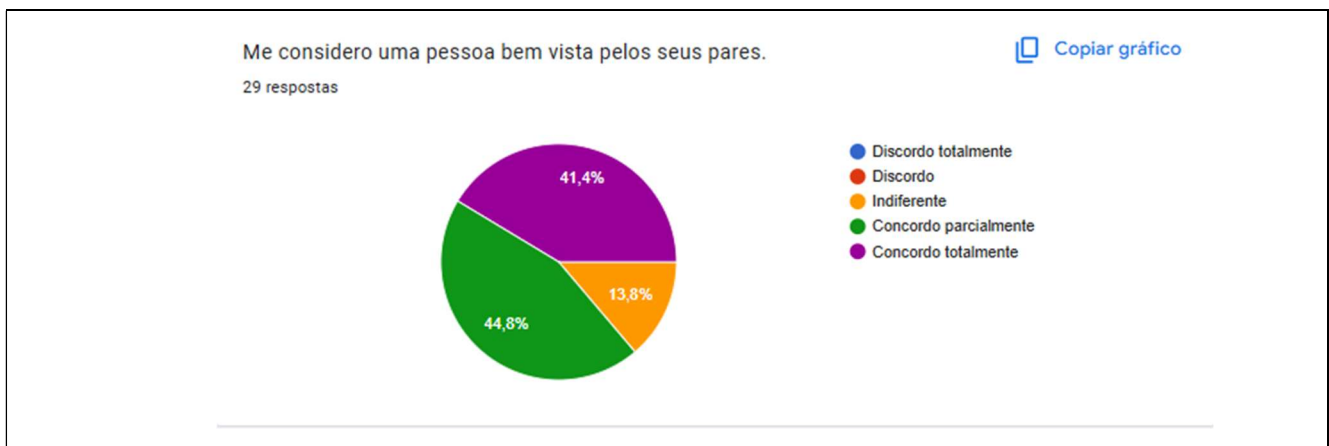


Gráfico 9 Imagem entre pares

Fonte: elaboração própria

A autopercepção de reputação social é claramente positiva: 86,2 % dos cadetes concordam que são bem-vistos pelos colegas (média 4,28 em escala 1–5). O fato de não se sentir aprovado pelo grupo o qual está inserido pode servir como uma âncora psicológica negativa que estimula a diminuição da autoeficácia. Como observado, não houve qualquer manifestação de discordância e isso pode levar à crença de que até mesmo os mais modernos não se sentem excluídos do seu meio social.

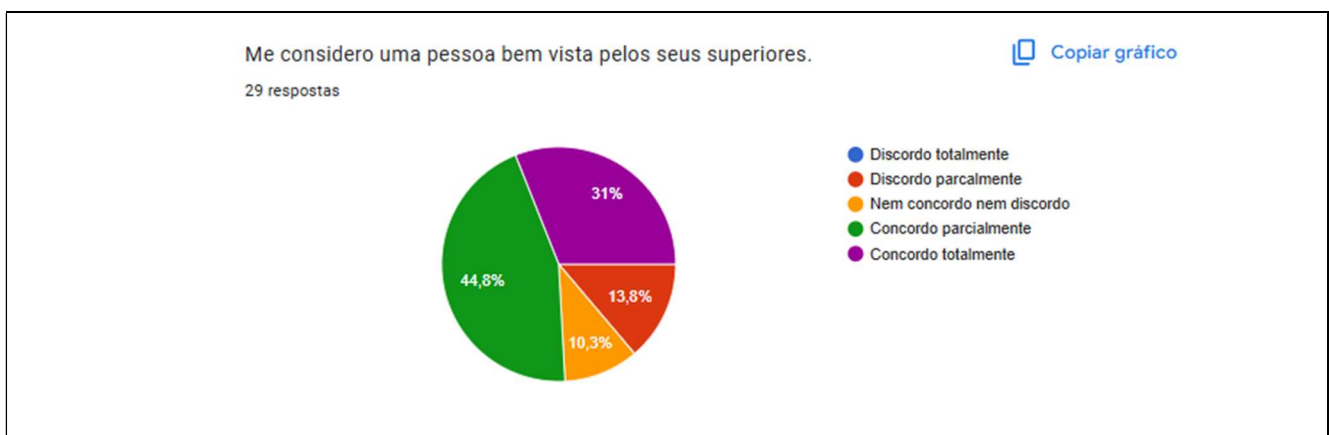


Gráfico 10 Imagem entre superiores

Fonte: elaboração própria

A avaliação de reputação junto aos superiores também se mostra positiva: 75,8 % dos cadetes afirmam ser bem-vistos (graus 4 ou 5), enquanto apenas 13,8 % expressam leve discordância e nenhum discorda totalmente. A pontuação média (3,93) indica que a maioria percebe reconhecimento institucional, elemento que pode reforçar autoeficácia por persuasão verbal e validar metas operacionais mais ousadas. Contudo, o fato de 24,1 % situarem-se entre neutralidade ou discordância parcial sugere um subgrupo potencialmente vulnerável a ancoragens negativas decorrentes de feedback hierárquico.

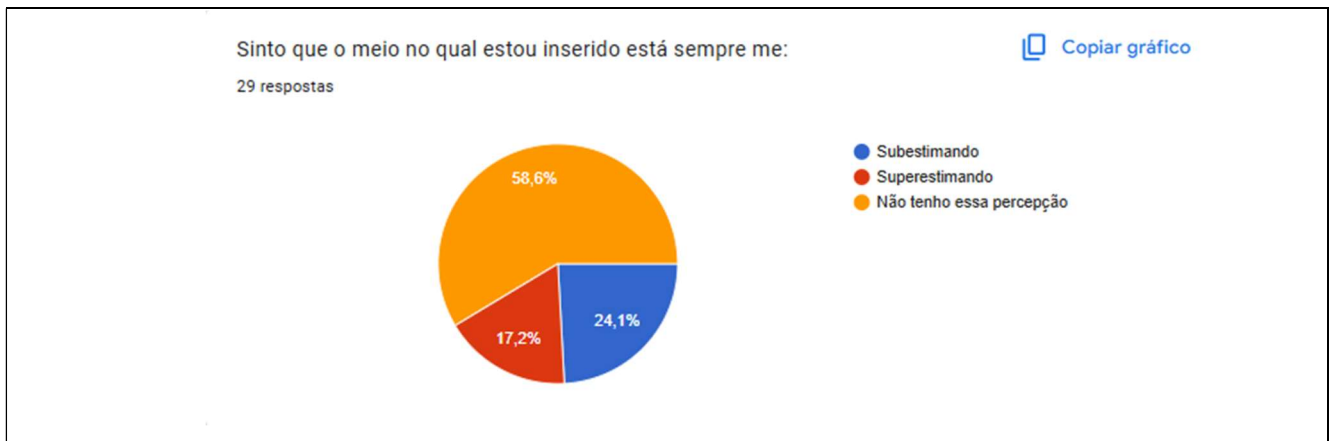


Gráfico 11 Subestimado ou Superestimado

Fonte: elaboração própria

A maioria absoluta dos cadetes (58,6 %) declara não sentir nem subestimação nem superestimação por parte do ambiente institucional, enquanto 24,1 % percebem-se subestimados e apenas 17,2 % superestimados. Esse padrão sugere que, para mais da metade da amostra, as avaliações externas são consideradas neutras ou justas, condição que tende a estabilizar a autoeficácia. Contudo, quase um quarto sente-se subavaliado, o que pode gerar âncoras negativas e metas defensivas; já o grupo que se considera superestimado pode experimentar pressão adicional para corresponder às expectativas.



Gráfico 12 Se subestimado

Fonte: elaboração própria

Entre os cadetes que se sentem subestimados ($n = 8$), a maioria relativa (37,5 %) afirma que essa percepção não altera o próprio autojulgamento; entretanto, 50 % reportam impacto negativo, sendo que 25 % mencionam queda direta na autoestima e 25 % revelam aumento de ansiedade por aprovação externa. Apenas um participante (12,5 %) interpreta a subestimação como estímulo positivo para superar expectativas. Esses resultados indicam que, embora parte dos cadetes mantenha autoeficácia estável, a subestimação pode funcionar como âncora negativa para metade do grupo afetado, corroendo confiança ou gerando tensão psicológica. Mesmo com tamanho amostral reduzido, o gráfico reforça a necessidade de feedback para evitar que avaliações percebidas como injustas se convertam em metas defensivas ou em desgaste emocional.

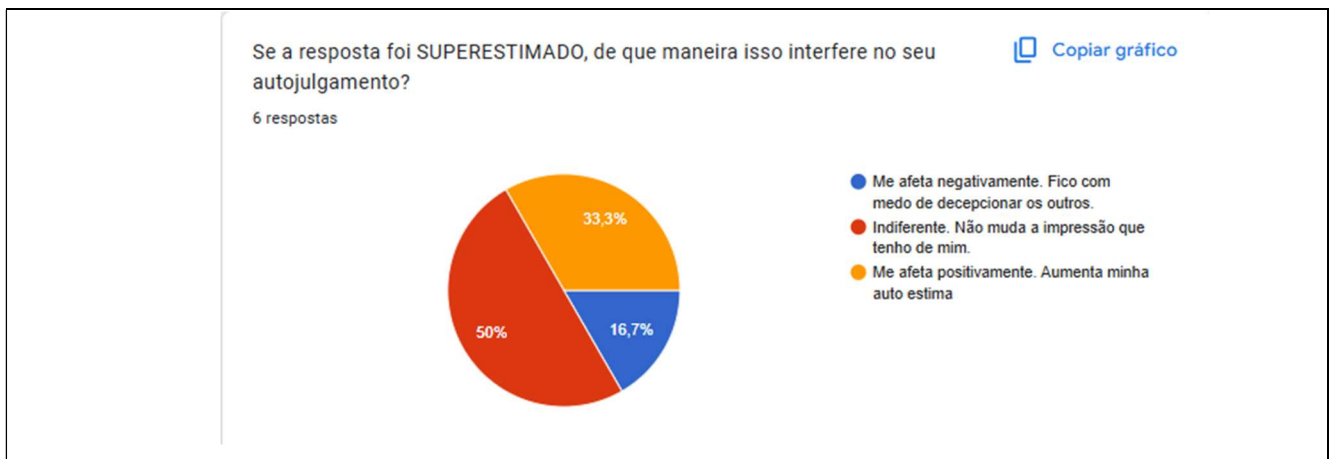


Gráfico 13 Se superestimado

Fonte: elaboração própria

Entre os cadetes que se percebem superestimados (6), metade declara que a opinião alheia não altera seu autojulgamento, enquanto 33,3 % relatam ganho de autoestima e 16,7 % manifestam receio de decepcionar os outros. A predominância de respostas neutras ou positivas sugere que, para a maioria deste subgrupo, a superestimação funciona como reforço ou, no mínimo, não corrói a autoconfiança. Ainda assim, o efeito negativo em um dos participantes evidencia que expectativas excessivas podem gerar pressão sobre certos cadetes, convertendo-se em fonte de ansiedade.

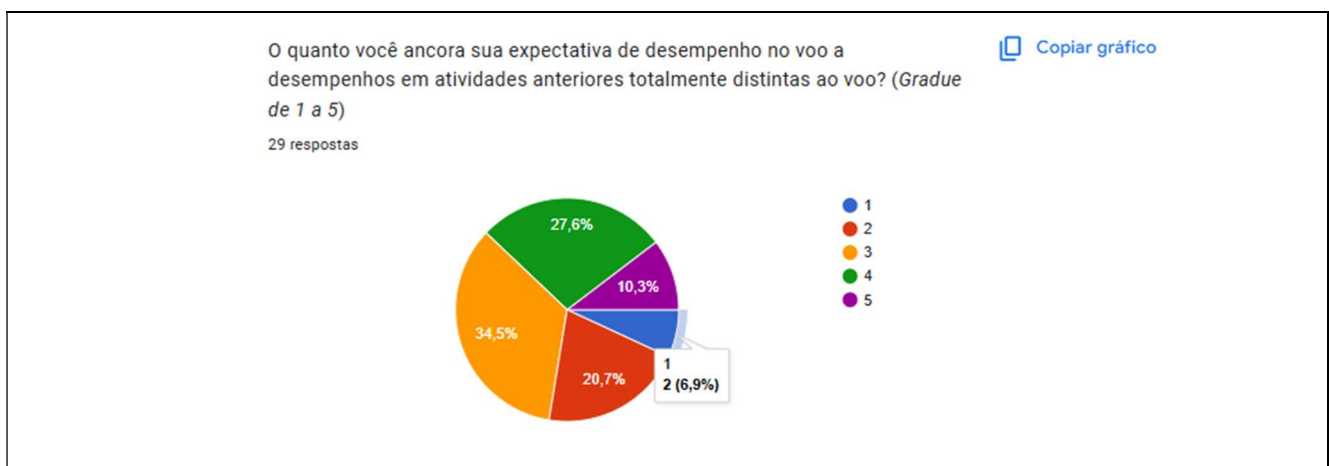


Gráfico 14 Se superestimado

Fonte: elaboração própria

A distribuição indica que a maioria dos cadetes se posiciona no grau 3 ou 4 (62,1 %), sugerindo uma ancoragem moderada da expectativa de desempenho no voo a resultados obtidos em atividades prévias não correlatas (por exemplo em provas acadêmicas ou testes físicos). Apenas 6,9 % relatam inexistência de ancoragem (grau 1), enquanto 10,3 % admitem forte influência (grau 5). Com média de 3,14 (Desvio padrão $\approx 1,07$), conclui-se que o grupo reconhece algum nível de transferência cognitiva entre áreas distintas; tal fenômeno pode impactar a autoeficácia específica de voo, reforçando-a quando os desempenhos prévios são positivos ou depreciando-a no caso de insucessos recentes. Essa evidência justifica explorar, nas correlações subsequentes, se altos escores de ancoragem se associam a variações maiores de autoconfiança em função do histórico imediato de desempenho em outros domínios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão teórica realizada permitiu uma compreensão aprofundada dos fatores que envolvem a construção e os efeitos da autoeficácia em contextos de alta exigência, como o ambiente de formação militar. O conceito de autoeficácia, inicialmente desenvolvido por Bandura (1977), revelou-se um construto psicológico de grande impacto sobre o comportamento humano, sendo diretamente associado à motivação, à persistência diante de desafios e à resiliência diante de adversidades.

Os estudos de Locke e Latham (2002) complementaram esse entendimento ao evidenciar que a autoeficácia influencia não apenas a definição de metas, mas também a qualidade do engajamento com elas, especialmente quando essas metas exigem esforço prolongado e foco operacional. Essa associação foi reforçada por Connor e Davidson (2003), que destacaram a ligação entre autoeficácia e resiliência, apontando que indivíduos mais confiantes tendem a lidar melhor com o estresse e a recuperação em situações adversas.

Além disso, as contribuições da psicologia cognitiva, particularmente de Kahneman (2012), permitiram entender como fatores inconscientes, como a ancoragem, podem interferir na construção da autoeficácia, levando sujeitos a superestimar ou subestimar suas reais capacidades com base em experiências passadas. Por outro lado, os estudos educacionais de Schunk (1991) trouxeram à luz

estratégias eficazes para o fortalecimento da autoeficácia, destacando o papel do *feedback*, da modelagem e da aprendizagem autorregulada como instrumentos-chave para o desenvolvimento da crença na própria capacidade.

Dessa forma, observa-se que a autoeficácia não deve ser compreendida como um fenômeno isolado, mas sim como um processo dinâmico, que depende da interação entre variáveis internas (como o histórico emocional e o autoconceito) e externas (como o ambiente de treinamento, o tipo de liderança e os recursos didáticos disponíveis). No contexto específico do Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV), essa compreensão teórica oferece as bases necessárias para analisar de que maneira os cadetes aviadores constroem sua confiança e como isso impacta na atividade aérea.

Acerca da coleta, os dados revelam cadetes com autoeficácia alta e socialmente reforçada, mas ainda sensível ao contexto. A maioria se avalia competente, vê justiça nas próprias notas e recebe reconhecimento de pares e superiores, fatores que sustentam metas ambiciosas. Contudo, confiança cai quando faltam atividades de preparo ou quando há sensação de subestimação, evidenciando que fatores situacionais e percepções de equidade podem minar esse capital psicológico. Assim, enquanto o ambiente de formação favorece desempenho elevado, seu êxito pleno depende de feedback calibrado e de condições que preservem rotinas de preparação e justiça avaliativa.

REFERÊNCIAS

BANDURA, Albert. **Autoeficácia: Rumo a uma teoria unificadora da mudança comportamental**. *Psychological Review*, v.84, n.2, p.191-215, 1977. Disponível em: <https://educational-innovation.sydney.edu.au/news/pdfs/Bandura%201977.pdf>. Acesso em: 09 out. 2024.

BANDURA, Albert. (1986). *Social Foundations of Thought & Action - A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

BANDURA, Albert. (1997). *Self-efficacy: the exercise of control*. New York, NY: Freeman.

BARCELOS, A. T. D. P. **Auto-Eficácia e Coping em Polícias Militares**. 2010. 92 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/2042/1/Ana%20Tereza%20David%20Pires%20Barcelos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

CHAPMAN, G.B.; JOHNSON, E.J. Os limites da ancoragem. *Journal of Behavioral Decision Making*, Hoboken, v. 7, n. 4, p. 223-242, dez. 1994.

CONNOR, K. M.; DAVIDSON, J. R. T. Desenvolvimento de uma nova escala de resiliência: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depressão e Ansiedade*, 2003. Disponível em: <https://www.connordavidson-resiliencescale.com/CD-RISC%20Manual%2008-19-18.pdf>

ENGLISH, B.; STRACK, F. **Jogando dados com sentenças criminais: A influência de âncoras irrelevantes na tomada de decisão judicial de especialistas.** *Personality and Social Psychology Bulletin*, Thousand Oaks, v. 32, n. 2, p. 188-200, fev. 2006.

EPLEY, N.; GILOVICH, T. **Recolocando o ajuste na heurística de ancoragem e ajuste.** *Psychological Science*, Thousand Oaks, v. 12, n. 5, p. 391-396, set. 2001.

FURNHAM, A.; BOO, H.C. **Uma revisão de literatura sobre o efeito de ancoragem.** *The Journal of Socio-Economics*, Nova York, v. 40, n. 1, p. 35-42, jan. 2011.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa.** 4. ed. [s.l.] Editora Atlas, 2002.

HILL, Napoleon. **Pense e Enriqueça.** Tradução de ABREU, Fernanda. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

KAHNEMAN. **Rápido e Devagar: duas formas de pensar.**

LOCKE, E. A.; LATHAM, G. P. **Construindo uma teoria praticamente útil de definição de metas e motivação de tarefas: Uma odisseia de 35 anos.** *American Psychologist*, 2002.

Disponível em: <https://www-2.rotman.utoronto.ca/facbios/file/09%20%20Locke%20&%20Latham%202002%20AP.pdf>

MADDUX, JE **Autoeficácia: O poder de acreditar que você pode.** Em *Handbook of Positive Psychology*. Oxford University Press, 2002.

MUSSWEILER, T.; STRACK, F. **Julgamentos numéricos sob incerteza: O papel do conhecimento na ancoragem.** *Journal of Experimental Social Psychology*, Nova York, v. 36, n. 5, p. 495-518, set. 2000.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **Julgamento sob incerteza: heurísticas e vieses.** *Science*, Washington, v. 185, n. 4157, p. 1124-1131, set. 1974.

SCHUNK, D.H. **Autoeficácia e motivação acadêmica. Psicólogo educacional**, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/LV8rQVcWvR4QXNQRBNzS4YN/?lang=pt> Acesso em: 14 out. 2024.

WILSON, T.D.; HOUSTON, C.E.; ETLING, K.M.; BREKKE, N. **Um novo olhar sobre os efeitos de ancoragem: Ancoragem básica e seus antecedentes.** *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, v. 125, n. 4, p. 387-402, dez. 1996.

ZACCARO, S.J. **Liderança em equipes virtuais.** *Leadership Quarterly*, 2004.